

A Honra e a Culpa

No seio da cultura ocidental lateja uma tensão entre dois de seus valores: a honra e a culpa. Ambos possuem origens diversas. A honra é uma herança de fundas raízes, originando-se da Grécia clássica e fazendo parte da chamada herança greco-romana. É um valor humano pela sua procedência e natureza. A culpa, por sua vez, é fruto de outra árvore: a tradição judaico-cristã. Liga-se à transcendente vontade divina e é de natureza essencialmente individual. Deus, diz a Igreja, colocou na alma de cada ser humano o discernimento entre o bem e o mal para que ele fizesse a escolha - ou seja, o bem, já que se optasse pelo mal queimaria para sempre nas profundezas do inferno. Estranho livre arbítrio! A honra, contrariamente, é um valor imanente à sociedade, tendo como único criador o próprio homem. É social, pois remete sempre à pessoa situada no grupo. Assim, ser honrado é uma condição que depende exclusivamente do juízo de meio social em que se vive.

Um olhar atento à história do Ocidente inevitavelmente detecta uma luta entre estes dois valores antagônicos. Uma moral humanilivre, afirmativa e imanente - versus uma moral de escravos - ressentida, negativa e transcendente. Judéia contra Roma. O que pensar da vitória do cristianismo? Hoje, como es

cravos, carregamos os grilhões da culpa. Uma consciência pesada é a herança do combate. A vontade de viver foi solapada duramente. Este mundo foi negado por um outro. A culpa disseminou-se pela terra, envenenando-a. Mes

mo hoje, com a cultura laicizada, somos por ela remoídos. Aparentemente a culpa perdeu a sua base no além-mundo. É necessário todavia que reflitamos sobre os fundamentos da ética contemporânea. Para uma parcela minoritária, as bases da ética já não repousam no além-mundo. Tem-se uma ética intra-mundana. A idéia de anormalidade substituiu a de pecado. O anormal tomou o lugar do pecado renitente. Mudança considerável, não há dúvida, mas sem uma real mudança de código. As proibições básicas continuam ainda que se sustentem

de outra forma. Não transe sua mãe! Não porque pecado, mas porque manifestaria um complexo de Édipo mal resolvido. O desviante é logo catalogado no rol dos psicologicamente anormais. E assim por diante. Os grandes tabus permanecem inquestionados. Não se pode esquecer de que Freud era um judeu... Significativamente, há uma estranha coincidência entre o mito judaico-cristão do pecado original de Adão e Eva e o assassinato do pai pela horda primitiva. Em decorrência de um ato delituoso original, o ser humano está mar

cado pela culpa. Desde a origem somos culpados. É o que nos imputa a mitologia judaico-freudiana. Em ambas as versões se esconde uma visão negativa da vida

Vê-se assim a configuração de duas diferentes formas de fundamentação ética. Numa primeira, o mundo além aparece como sua fonte e razão. É a ética de origem religiosa. A segunda forma substitui a vontade divina por uma suposta "natureza humana". Tem-se aí uma ética fundada no binômio normal-patológico. Há ainda uma terceira possibilidade, aproximada da segunda concepção: a ética sustentada na idéia de uma racionalidade humana universal. Aliás, a pretensão universalista é algo que perpassa todas as três visões. Todos devem agir eticamente. Seja por ser esta uma vontade divina, seja por possuímos uma mesma natureza, seja por sermos todos racionais.

Como fugir destas determinações, todas elas de caráter coercitivo? É possível uma ética fundada na opção individual? Volto aos gregos clássicos. A ética destes possui uma característica que se afasta das citadas acima: é optativa por excelência. Sou livre para adotá-lo ou não. Não se trata de uma ética para todos. Também a sua finalidade é distinta. Almeja a estética. Dar à vida a maior beleza possível, eis o seu fim. Ser honrado era para os gregos uma opção de homens livres. Nos dias de hoje, com a crise das grandes fontes de legitimação, abre-se a possibilidade de real de criação de novos rumos éticos.

Francisco José Alves